

Apresentação

O professor Luiz Fernando Santoro participou ativamente do surgimento do vídeo popular no Brasil no início dos anos 80 e foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Vídeo Popular - ABVP - entidade que reúne produtores de todo o país que dividem a mesma concepção de comunicação ligada aos movimentos populares.

Primeiro membro do Comitê de Cineastas da América Latina ligado ao vídeo, Santoro defendeu a inclusão dessa mídia nos estudos e festivais de cinema (notadamente no Festival de Cuba), demonstrando, atra-

vés de uma análise das produções, que a história recente da América Latina estava sendo contada muito mais em vídeo do que em cinema.

Autor de *Imagem nas mãos - vídeo popular no Brasil*, Santoro foi também assessor de vídeo da CUT, co-fundador e diretor de produção da TV dos Trabalhadores, diretor da rádio USP e coordenador de televisão da Fundação Roberto Marinho. Hoje dirige o programa da OAB-SP para o canal comunitário de São Paulo e para a Rede Vida. Sua produtora independente produziu documentário sobre a conquista da *Taça Libertadores da América* pelo Palmeiras em 1999 e realiza hoje vídeo sobre os 90 anos do Corinthians.

Em seu depoimento para a revista *Sinopse* o Prof. Santoro relata as principais questões do movimento do vídeo popular dos anos 80, reinserindo-as nos debates atuais. Ele faz ainda uma análise das TVs comunitárias, questionando o modelo em curso no Brasil, muito restrito no canal concedido pelas TVs por assinatura e incipiente em termos de produção, linguagem e participação popular. Mais do que uma discussão estética, a abordagem do Professor Santoro sobre o vídeo e a televisão popular é *política*.

O surgimento do movimento de vídeo popular

O que se costuma chamar de vídeo popular foi mais um movimento do que um produto. Foi realizado por grupos ligados a partidos políticos, a sindicatos, a movimentos sociais e a ONGs. Eles resolveram trabalhar com vídeos como forma de viabilizar que grupos marginalizados construíssem sua própria informação.

No início dos anos 80 a idéia de registrar a história dos movimentos sociais começou a ganhar importância. Várias experi-

ências começavam a ser realizadas, em instituições de ensino, em sindicatos e por produtores independentes.

Eu tinha acabado de voltar da Europa onde tinha trabalhado com animação sócio-cultural e vídeo. Na França assisti aos vídeos do Godard e participei do Festival de Teatro em Avignon, onde eles exibiam vídeos na rua, acompanhados de performances. Chegando ao Brasil, escrevi vários artigos e dei um curso na USP sobre animação cultural, TV e vídeo comunitário. Eu falava de uma revolução feita através do vídeo, não numa revolução em nível de sociedade, mas em

nível de grupo de transformação, colaborando para que grupos pudessem se expressar e construir sua própria informação. Uma releitura de Paulo Freire. Na época, quase ninguém falava disso no Brasil e para efetivar essa idéia nós criamos a "Associação Brasileira de Vídeo Popular" (ABVP). Publicamos um pequeno jornal e ministramos cursos no Brasil inteiro. O movimento do vídeo começou a crescer.

Repercussão internacional

O movimento chegou a ter repercussão internacional. Eu participava do Comitê de

Cineastas da América Latina no início dos anos 80 e, durante o Festival de Cuba, fizemos um movimento para valorizar o vídeo e inseri-lo no Festival Latino-americano. O vídeo não tinha o *glamour* do cinema, não tinha grandes nomes como realizadores e a qualidade nem sempre agradava. Mas, apesar de não serem muito bons, os vídeos davam conta de coisas impressionantes: a tomada da Corte de Justiça colombiana por guerrilheiros, as revoluções na América Central etc. Nós argumentamos que era através dos vídeos, e não através do cinema, que a história recente da América Latina estava sendo contada. Os cubanos ficaram muito sensíveis ao movimento, houve um forte impacto na opinião dos participantes dos festivais e criou-se, assim, o início do movimento latino-americano de vídeo.

uma revalorização do trabalho de autoria. Eu não penso que isso seja ruim. É diferente. Muito provavelmente o resultado final será esteticamente melhor. Mas eu sinto a falta da existência de um projeto coletivo.

O conceito de vídeo popular

O conceito que criamos de vídeo popular não se restringia à produção do vídeo. Era um conjunto de atividades que incluía também a difusão, a utilização, o estudo sobre o vídeo etc. Eu sempre tentei romper o conceito de vídeo popular como sendo apenas um produto. Isso gerou polêmica com o pessoal que trabalhava o vídeo como expressão artística, que dizia: "isso aí não é vídeo, é uso do vídeo". Na minha opinião, todo e qualquer vídeo só se efetiva na exibição, na relação, seja qual for, com o espectador.

Leonardo Boff rezando uma missa. Exibimos o filme no FestRio e o público não reagiu com muito interesse. No entanto, quando eu exibia esse vídeo em Comunidades Eclesiais de Base, envolvidas com o problema da relação entre a militância socialista e a religião católica, a recepção era totalmente diversa. Eles curtiam cada momento. Era essa a questão: nós tínhamos feito o vídeo para aquelas pessoas. Não era um espetáculo para o grande público. Era um vídeo para público segmentado.

A "qualidade" dos vídeos populares

Não é possível analisar o vídeo popular apenas do ponto de vista da produção. O mais importante era o vínculo entre os produtores de vídeo e os movimentos sociais. É por isso que o início do vídeo popular foi

"Defendíamos que o processo de produção era mais importante do que o produto."

SMS

Autoria *versus* trabalho coletivo

Uma coisa muito importante no movimento de vídeo popular é a idéia de trabalho coletivo. O vídeo popular nunca foi uma produção autoral. Muito pelo contrário: os realizadores encaravam a produção como uma missão política e existia uma grande disposição em fundir idéias. Defendíamos que o processo de produção era mais importante do que o produto. Gravávamos, editávamos e discutíamos. O fazer juntos era o que nos mobilizava.

Hoje não é mais tão simples fazer um projeto coletivo. Estamos caminhando para

A experiência da exibição

A experiência de exibição era muito importante no movimento do vídeo popular. Muitos vídeos pareciam ser desinteressantes mas, quando você os exibia no lugar certo, eles funcionavam.

Eu tive uma experiência que ilustra bem isso. Fiz um vídeo acompanhando a visita do Leonardo Boff e do Frei Betto à União Soviética em 87. Era um vídeo completo: procurou explicar a relação do socialismo e religião, o pensamento e as principais idéias desses teólogos. Tinha uma hora de duração e terminava na Lituânia com o

muito mal entendido. Para algumas pessoas ele era apenas um registro de má qualidade técnica. Ao se referir aos vídeos elas falavam: "esteticamente isso não é nada!". E era verdade! Nós colocávamos uma câmara na mão de trabalhadores, por exemplo, e gravávamos uma determinada situação. Os realizadores não tinham formação estética e isso se refletia na baixa qualidade dos vídeos. Nós tínhamos consciência dessas limitações mas, naquele momento, optamos por deixar a discussão puramente estética de lado. A discussão política era mais importante.

O fato é que esses vídeos da primeira fase foram, antes de tudo, um registro da

1-128
ZXN10

"Nós precisamos que as TVs Comunitárias sigam uma lógica diferente da lógica da TV Aberta."

S
VHS

história dos movimentos populares. Eram realizados por pessoas que chegavam da militância política e usavam o vídeo para registrar situações que nunca tinham sido registradas pelas câmaras de televisão. E esse era, em si, um conceito inovador!

Limitações técnicas

Além do limite estético existia também um limite técnico. A captação era feita com câmaras sem qualidade e os produtores não tinham sequer uma ilha de edição. Faziam a edição de VT para VT. Hoje, com o barateamento das ilhas não lineares, a história talvez fosse outra.

Distribuição dos vídeos

O projeto mais freqüente dos grupos de vídeo era o de exibição e discussão local. Quase todos concebiam os vídeos para uso interno. No entanto, quando o movimento começou a crescer em meados dos anos 80, as escolas, os movimentos sociais e as comunidades de base pediam os vídeos para utilizá-los em discussões em grupo.

A ABVP conseguiu um financiamento da Fundação Ford e começou a atuar também como distribuidora. Em 1987 terminou a minha gestão na direção da ABVP mas o pessoal continuou na mesma linha, ligada aos movimentos sociais. Mais tarde ela começou a distribuir qualquer tipo de vídeo educacional, abandonando em parte o conceito inicial de educação e vídeo

popular. Na verdade, com as mudanças políticas do país, aquele conceito inicial foi mesmo perdendo a razão de ser. Não tinha mais sentido falar de revolução através do vídeo.

O surgimento da tv dos trabalhadores

A TVT surgiu no final dos anos 80. Era financiada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, por ONGs e projetos nacionais e internacionais. Foi criada como projeto de impacto e procurou dar um salto na qualidade técnica: tinha bons equipamentos e profissionais contratados que atuavam junto com os operários de São Bernardo.

A TVT tinha um projeto que, na minha análise, era mais global e com mais visibilidade do que a ABVP. Entre outras coisas, prevíamos constituir uma rede de comunicação dos trabalhadores e colaborar com a eleição do Lula para a Presidência da República. Rapidamente a TVT ganhou projeção internacional. Nós recebemos muitos convites para ir exibir trabalhos no exterior e ganhamos alguns prêmios.

O projeto da rede de comunicação dos trabalhadores era um dos mais interessantes. Juntamente com Regina Festa, desenvolvemos inúmeros projetos, como o registro coletivo da Greve Geral de 86. Recebíamos material do Brasil inteiro, montávamos um vídeo e distribuíamos novamente para todo o Brasil. Apesar do pequeno impacto na opinião pública, essa distribuição tinha impacto nos próprios sindicatos.

Eu saí da TVT com a frustração de não ter efetivado o meu principal objetivo: o projeto do telecurso do trabalhador. Era um projeto de educação pela televisão que já estava todo planejado e praticamente viabilizado. Eu saí exatamente nesse momento, quando já fazia a redação dos textos básicos.

Relação com o movimento de democratização da comunicação

Mesmo com a redemocratização do país a partir de 84, pouca coisa mudou na área de comunicação. Permaneceu vigente o mesmo modelo: cinema de altos custos e televisão inacessível. Infelizmente, quando no início dos anos 90 começou a crescer a discussão sobre democratização da comunicação o movimento do vídeo popular já havia perdido um pouco da sua força. Talvez as expectativas individuais não tivessem sido cumpridas e muita gente já estava se afastando daqueles projetos coletivos.

O fato é que na nova configuração de canais deu-se um espaço mínimo para os canais comunitários, que deveriam ser os canais naturais para veicular a produção dos movimentos sociais.

Um modelo de produção para os canais alternativos

De início o discurso predominante era: "vamos multiplicar os canais para ter maior acesso ao grande público". De certa forma, isso foi conseguido, temos muitos canais mas

pouca coisa mudou. Nos dias de hoje o discurso se repete: é a internet que vai, supostamente, ajudar na democratização da produção. É sempre assim: as pessoas depositam suas esperanças nas novas tecnologias, mas ali na frente chega um outro problema que ninguém está enxergando.

No entanto, para mudar de fato não basta uma nova tecnologia. Nós precisamos que as TVs comunitárias sigam uma lógica diferente da lógica da TV aberta. Elas devam se tornar um centro de produção e mobilização audiovisual, dando real abertura aos produtores. Se você tem uma instituição fechada, onde tudo é organizado, você dificulta o surgimento do novo. Além

disso, para que o cidadão comum tenha o direito de fazer seu próprio programa é necessário:

a) equipamento disponível: a TV Comunitária (e mesmo a TV Universitária) poderia utilizar o equipamento até de segunda mão, sucateado, das grandes redes e disponibilizá-lo para os vários segmentos de público.

b) Uma grade de programação que admita o único: hoje, na TV Comunitária, e até mesmo na Universitária, ainda é difícil veicular um vídeo único. Mesmo que seja um vídeo espetacular, encontra dificuldades para entrar na grade de programação, cheia de formatos fixos.

Um modelo de programação para canais alternativos

O modelo de programação que eu visualizo para esses canais é próximo ao que experimentamos na rádio USP, de 85 a 86. Nós fizemos uma programação com alguns programas semanais e forte divulgação na imprensa. Existia grande abertura a novas idéias e eram veiculados vários programas experimentais. Um fenômeno interessante foi o fato da Rádio-USP ser o segundo lugar de audiência em alguns horários e o último lugar em outros. Eu considero isso, no mínimo, interessante. Afinal, os programas veiculados eram voltados para públicos especí-



ficos. Eu não vejo problema nenhum em, num mesmo canal, acabar uma telenovela *gay* e começar um programa de jardinagem. Dentro do nosso conceito de democracia, imaginamos um canal comunitário que tenha espaço para todos os nichos, para a diversidade de visões de mundo.

A importância da formação

Por fim, para termos um canal comunitário realmente eficaz é necessário aliar a tudo o que já foi dito um bom projeto de formação audiovisual. É ele que dará condições a grupos que querem ter seu próprio programa poderem criar com autonomia, a partir daquilo que conhecem. Para tanto, um amplo referencial audiovisual é funda-

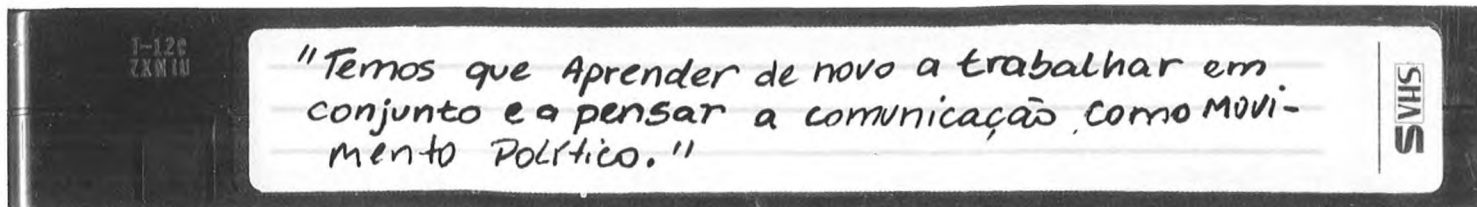
Faculdades particulares que são apenas propaganda de cursos irrelevantes. Além disso, a organização da grade dificulta a sedimentação de um público para um determinado programa.

Na TV Universitária de hoje ninguém faz educação à distância. E esse é um projeto sempre necessário. Faz pelo menos 15 anos que o país não tem um grande projeto de educação à distância. O primeiro foi o Instituto Universal Brasileiro, depois veio o Mobral e a Fundação Roberto Marinho. No momento, estamos pensando na Universidade São Marcos na implantação de um programa de educação a distância que atue na junção internet e televisão. Mas são projetos caros. O gran-

as das mais interessantes que já aconteceram em termos de comunicação.

O projeto desses grupos era simples. Eles escolhiam um tema (desemprego, por exemplo) e recebiam materiais de emissoras comunitárias e produtores independentes de todo o país. Editavam esse material e enviavam-no via satélite aos Estados Unidos inteiro. As emissoras gravavam e reproduziam quando queriam.

Alguém pode dizer que tinha impacto restrito, menor que o das redes abertas etc. Mas são projetos como esse que oferecem a informação paralela, e ajudam a construir uma nova opinião pública. A Guerra do Golfo foi um bom exemplo. Os americanos começaram a ficar em dúvida, des-



mental. Ninguém cria do nada, sem uma boa referência de produtos e experiências anteriores.

Essas características de TV Comunitária até aqui expostas estão presentes, por exemplo, no Canal Comunitário de Berlim.

TV Universitária e educação à distância

Outro espaço que, infelizmente, não é bem aproveitado é o das TVs universitárias. É um equívoco a forma como a TV Universitária está estruturada atualmente. O canal é dividido entre várias universidades da cidade e cada uma emite o que bem entende. Eventualmente você tem um programa interessante feito pela USP ou pela PUC. Mas depois você tem uma série de programas de

de segredo da Fundação Roberto Marinho e do Mobral foi a capacidade de mobilização nacional.

Os Estados Unidos e a contra-informação

No Brasil, as TVs comunitárias e rádios livres estaduais não fascinam mais enquanto processo político. Pode até surgir uma boa emissora mas, enquanto processo político, nada de impacto acontece.

Nos EUA sempre aparecem experiências relevantes. Há uma faixa ampla da população sedenta por informação alternativa às grandes redes, que gerou grupos que atuam há mais de uma década ativamente, como o *Paper tiger TV* e *Deep dish TV*, experiênci-

confiando que o governo não estava mostrando o que realmente acontecia. Como a mídia estava comprometida com a guerra, a população estava sedenta por outro tipo de informação. Foi aí que os participantes do *Deep dish TV* fizeram uma série de 10 programas sobre a Guerra do Golfo, mostrando o outro lado da guerra. Nesses programas está presente a outra informação. Tem pai falando: “eu não quero que o meu filho morra!” Há um desertor que diz: “eu não vou morrer pela Texaco!” Foram programas de muito forte impacto na opinião pública americana, que tinha um enorme segmento contra a guerra e que encontrava quase nenhuma informação nas grandes redes de TV.

Em um outro programa, sobre a questão dos imigrantes ilegais, eles mostraram Cuba para os americanos, como eles nunca haviam visto nas TVs. A série teve também grande impacto na opinião pública.

Hoje a *Deep dish TV* tem apoio das grandes fundações (Rockefeller, Ford etc.) e tem um canal de satélite fixo. Transmitiram ao vivo o Fórum alternativo de Seattle. Os americanos entendem que eles são importantes para o equilíbrio da sociedade americana.

O caminho atual da comunicação popular

É importante saber que não basta ter a tecnologia disponível. O mais importante é ter estratégia política. Os canais estão precisando de programação e já existe espaço para veiculação dos programas alternativos. No entanto, pouca coisa tem sido feita. É curioso como, nos anos 80, mesmo sem a existência de canais alternativos, vários movimentos sociais tiveram um projeto de comunicação. Hoje, esses projetos migram para a internet, e são raros na TV.

O trabalho dos grupos norte-americanos pode ser um bom exemplo para o produtor brasileiro. O que eles mostram é que, mesmo na produção voltada para as TVs comunitárias, nós temos que imaginar coisas de impacto. Um exemplo: porque não juntar todas as TVs comunitárias em rede e discutir a CPI da Corrupção, com forte divulgação nos jornais impressos?

Uma das dificuldades é que não existe uma entidade que sirva de canal institucional para os grupos e entidades preocupadas com a comunicação fora dos grandes veículos. Existe, no máximo, tentativas pontuais de organização. O mais interessante do movimento de vídeo dos anos 80 foi sua capilaridade, despertando interesse em todo o país. Mas essa também sempre foi a maior dificuldade: como traduzir essa organização capilar em proposta política? O fato é que, se quisermos ter novamente alguma eficácia no movimento de comunicação, temos que repensar os caminhos de organização. Temos que aprender de novo a trabalhar em conjunto e a pensar a comunicação como movimento político.

*Contato - newcannito@ig.com.br

A ABVP

ST-120^{PRO}

A Associação Brasileira de Vídeo Popular foi criada em 1984, reunindo produtores independentes, pessoas e grupos realizadores de vídeo com atuação nos movimentos populares e sociais. Com o objetivo de fortalecer o movimento e a organização daqueles que trabalham com vídeo popular e independente no Brasil, a ABVP vem atuando em três áreas: distribuição, capacitação e informação.

Desde 1987, a Distribuidora da ABVP é um canal alternativo de circulação e distribuição de vídeos realizados no contexto da produção independente e alternativa, e dos movimentos populares e sociais organizados. Atualmente, são 500 títulos que contam uma outra versão da história recente no Brasil. Os programas vêm de toda parte do país, trazendo à tona (ou à tela!) as vozes e os rostos do nosso povo.

Maiores informações no site www.abvp.org.org ou enviando e-mail para abvp@alternex.com.br.

MONO STEREO AUDIO NR HI-FI PCM

SVHS